

Terapia Ocupacional na EDUCAÇÃO

Ações Extensionistas na Escola,
Universidade e Comunidade



TERAPIA OCUPACIONAL NA EDUCAÇÃO

AÇÕES EXTENSIONISTAS NA ESCOLA,
UNIVERSIDADE E COMUNIDADE

ORGANIZADORES

Raphael Aguiar Leal Campos
Mailane Nascimento Rocha

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL SERRA DOS ÓRGÃOS – FESO

Antônio Luiz da Silva Laginestra
Presidente

Jorge Farah
Vice-Presidente

Luiz Fernando da Silva
Secretário

Carlos Alberto Oliveira Ramos da Rocha
José Luiz da Rosa Ponte
Paulo Cezar Wiertz Cordeiro
Wilson José Fernando Vianna Pedrosa
Vogais

Luis Eduardo Possidente Tostes
Direção Geral

Michele Mendes Hiath Silva
Direção de Planejamento

Solange Soares Diaz Horta
Direção Administrativa

Fillipe Ponciano Ferreira
Direção Jurídica

CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS – UNIFESO

Verônica Santos Albuquerque
Reitora

Marcelo Siqueira Maia Vinagre Mocarzel
Direção de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

Mariana Beatriz Arcuri
Direção Acadêmica de Ciências da Saúde

Vivian Telles Paim
Direção Acadêmica de Ciências e Humanas e Tecnológicas

Anne Rose Alves Federici Marinho
Direção de Educação a Distância

HOSPITAL DAS CLÍNICAS COSTANTINO OTTAVIANO – HCTCO

Rosane Rodrigues Costa
Direção Geral

CENTRO EDUCACIONAL SERRA DOS ÓRGÃOS – CESO

Roberta Franco de Moura Monteiro
Direção

CENTRO CULTURAL FESO PROARTE – CCFP

Edenise da Silva Antas
Direção

Copyright© 2026
Direitos adquiridos para esta edição pela Editora UNIFESO

EDITORA UNIFESO

Comitê Executivo

Marcelo Siqueira Maia Vinagre Mocarzel (Presidente)

Conselho Editorial e Deliberativo

Marcelo Siqueira Maia Vinagre Mocarzel

Mariana Beatriz Arcuri

Verônica dos Santos Albuquerque

Vivian Telles Paim

Assistente Editorial

Matheus Moreira Nogueira

Formatação

Matheus Moreira Nogueira

Capa

Gerência de Comunicação

T315 Terapia Ocupacional na Educação - Ações Extensionistas na Escola, Universidade e Comunidade / organizadores Raphael Aguiar Leal Campos, Mailane Nascimento Rocha – Teresópolis, RJ: UNIFESO, 2026.
76 p.

ISBN 978-65-5320-089-0

1. Terapia Ocupacional. 2. Estudantes de Terapia Ocupacional. 3. Unifeso.
I. Campos, Raphael Aguiar Leal II. Rocha, Mailane Nascimento.

CDD 610

EDITORA UNIFESO

Avenida Alberto Torres, nº 111

Alto - Teresópolis - RJ - CEP: 25.964-004

Telefone: (21) 2641-7184

E-mail: editora@unifeso.edu.br

Endereço Eletrônico: <http://www.unifeso.edu.br/editora/index.php>

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
-------------------	---

AÇÕES EXTENSIONISTAS NA ESCOLA

Atuação do terapeuta ocupacional em contexto escolar: criação de um folder informativo	9
--	---

Neurodiversidade na escola: divulgação de uma cartilha para profissionais no município do Carmo-RJ	12
--	----

Roda de conversa com professores sobre o uso da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem.....	16
--	----

Ampliando a participação escolar de uma aluna com deficiências múltiplas	19
--	----

Oficinas de sensibilização sobre a deficiência visual com alunos do ensino fundamental	25
--	----

Promovendo a convivência da turma com um aluno com deficiência auditiva	31
---	----

Desafios da escolarização na dermatite atópica	34
--	----

Adequação do ambiente de sala de aula para um aluno com transtorno do espectro autista.....	38
---	----

Relógio de rotina e painel de combinados: recursos para a autorregulação no transtorno do espectro autista.....	41
---	----

Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade: impactos no desempenho escolar	45
---	----

Auxiliando a alfabetização de uma criança com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade	48
---	----

Orientações para a inclusão escolar de alunos com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade.....	51
--	----

AÇÕES EXTENSIONISTAS NA UNIVERSIDADE

Desafios para a inclusão de alunos com transtorno do espectro autista e do déficit de atenção na universidade.....	55
--	----

Acessibilizando um laboratório de pesquisa experimental para universitários com transtorno do espectro autista.....	58
---	----

AÇÕES EXTENSIONISTAS NA COMUNIDADE

Leitura literária como prática educativa não escolar com crianças em vulnerabilidade social	63
---	----

Análise do vínculo escolar através do desenho infantil	67
--	----

Estágios de desenvolvimento da leitura e escrita das crianças assistidas em um projeto social.....	69
--	----

Referências bibliográficas	74
----------------------------------	----

APRESENTAÇÃO

Raphael Aguiar Leal Campos

Escrito a muitas mãos, o e-book *Terapia Ocupacional na Educação: ações extensionistas na escola, universidade e comunidade* é fruto dos trabalhos de extensão universitária realizados no contexto da disciplina de Terapia Ocupacional em Contexto Escolar do Centro Universitário Serra dos Órgãos.

Nesta obra, os graduandos relatam as práticas que desenvolveram ao longo do primeiro semestre de 2026 a partir da Metodologia da Problemática. Partindo de problemáticas educacionais reais com as quais tinham contato, cada graduando realizou observações e planejou intervenções que pudessem transformar a realidade local de forma autônoma e baseada nos conteúdos ministrados na disciplina.

Dentre muitos casos inspiradores, Paloma e Sheila, por exemplo, acompanharam uma aluna com deficiências múltiplas e propuseram adaptações e atividades para ampliar a sua participação. Ana Paula e Mirella, por sua vez, nos convidam a olhar para além dos muros clínicos, criando uma cartilha sobre neurodiversidade distribuída pela Secretaria de Educação do Carmo-RJ. Eveline e Valéria, tornaram acessíveis atividades e recursos de um laboratório de pesquisa experimental. Já Fernanda, Hagata e Rafaela conduziram um grupo de leitura literária em um projeto social para crianças em situação de vulnerabilidade com o objetivo de produzir vínculos e despertar o interesse pelos livros.

Nosso desejo é que as vivências compartilhadas nestas páginas suscitem novas reflexões-ações e reafirmem o compromisso ético e transformador da Terapia Ocupacional com uma educação cada vez mais plural e inclusiva.

Boa leitura!

**AÇÕES EXTENSIONISTAS
NA ESCOLA**

ATUAÇÃO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL EM CONTEXTO ESCOLAR: CRIAÇÃO DE UM FOLDER INFORMATIVO

Melany Mauricio da Silva

Vinícius Domard Braga

Este capítulo visa relatar o processo de elaboração de um folder informativo sobre a atuação da Terapia Ocupacional no contexto escolar. A motivação para a criação do folder teve origem no entendimento dos autores de que o conhecimento sobre a atuação de terapeutas ocupacionais nas escolas pode ser uma lacuna para os profissionais da educação.

Antes de criar o folder, foi necessário conhecer a percepção de docentes sobre a Terapia Ocupacional nas escolas. Assim, em março de 2026 distribuiu-se questionários feitos via Google Forms para 6 professores atuantes no ensino médio de uma escola pública de Teresópolis. As perguntas foram variadas, envolvendo desde o papel da educação e sua relação com o campo da saúde, até a contribuição do terapeuta ocupacional em diferentes contextos e a formação pessoal e profissional dos respondentes.

As respostas coletadas revelaram o seguinte:

- O conhecimento do trabalho do terapeuta ocupacional era limitado, pois metade dos professores avaliados declararam não saber informar sobre a atuação desse profissional.
- Destacou-se a dificuldade de trabalho intersetorial com fisioterapeutas, psicólogos, fonoaudiólogos, assistentes sociais e terapeutas ocupacionais.
- Embora alguns professores identificassem a terapia ocupacional como uma área que intervém no cotidiano para promover a autonomia, inclusão e a adaptação de tarefas no ambiente escolar, ainda prevaleceu a visão de que esse profissional atua majoritariamente em clínicas multidisciplinares e contextos de reabilitação.
- A relação entre as áreas da saúde e da educação foi percebida como muito distante ou precária.

- Os professores mostraram reconhecer demandas no cotidiano escolar, tais como dificuldades de organização dos estudos, questões emocionais e de saúde mental, falta de acesso à cultura e ao lazer e barreiras socioeconômicas, que poderiam ser trabalhadas pela Terapia Ocupacional.

Contudo, sabe-se que a Terapia Ocupacional no contexto escolar é uma especialidade reconhecida pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional através da Resolução nº 500, aprovada em 2018 (COFFITO, 2019), consistindo em um campo de atuação ainda em construção em prol da inclusão escolar e social, no âmbito da tecnologia assistiva, do desenvolvimento infantil e da atenção às situações de vulnerabilidade dos estudantes (Pereira; Borba; Lopes, 2021).

Além disso, os terapeutas ocupacionais são indispensáveis na atenção às dificuldades de escolarização. Esses profissionais atuam como mediadores da relação estudante-ocupação-ambiente diante das barreiras de participação no cotidiano escolar (Souza; Borba; Lopes, 2024).

Por fim, em concordância com o alerta feito por Pereira, Borba e Lopes (2021, p. 9), considera-se a importância de que “é preciso toda a escola para se desenvolver um projeto de educação inclusiva com a responsabilização de todos, inclusive do terapeuta ocupacional”. Nesse sentido, deve-se levar em conta não apenas os estudantes, mas todos os agentes que compõem a escola como elementos importantes e cabíveis às intervenções da Terapia Ocupacional.

Com base nessas informações e na necessidade de promover o conhecimento a respeito da profissão, em junho de 2026 elaborou-se um folder informativo utilizando a ferramenta Canva e a bibliográfica da disciplina de Terapia Ocupacional no Contexto Escolar do UNIFESO, ministrada pelo prof. Raphael Aguiar. O material encontra-se disponível ao final do texto.

Espera-se que a elaboração e divulgação desse folder sirva como uma estratégia de conscientização em Terapia Ocupacional, fazendo com que o papel dessa profissão no contexto escolar possa ser conhecido tanto pelos diferentes profissionais da educação quanto pela população em geral.

Terapeuta Ocupacional na Escola

Um grande parceiro do professor!

A garantia da participação social, faz parte das atribuições do TO. Podemos ajudar com queixas frequentes de desajustes de rotina, dificuldades na aprendizagem, inacessibilidades e vulnerabilidades.

Você sabia que o Terapeuta Ocupacional (TO) pode ajudar muito no dia a dia da sala de aula?

O TO atua para promover a participação, a autonomia e a inclusão dos estudantes. Auxiliando professores a lidar com diferentes necessidades e desafios escolares!



Como podemos ajudar?



Escrita e atividades escolares:

- Orienta adaptações para alunos com dificuldade na escrita.
- Sugere recursos para melhorar o uso do lápis, tesoura e outros materiais.
- Ajuda na organização do caderno e das tarefas.

Atenção, postura e participação:

- Identifica fatores que dificultam a concentração.
- Propõe estratégias para aumentar o engajamento nas atividades.
- Auxilia na adequação do mobiliário e da posição em sala.

Inclusão escolar:

- Apoiar a participação de alunos com deficiência, transtornos do desenvolvimento e outras necessidades específicas.
- Colabora na construção de um ambiente mais acessível e acolhedor.
- Auxilia na adaptação de atividades e avaliações.

Rotina e Organização:

- Ajuda a criar rotinas mais estruturadas.
- Desenvolve estratégias para organização de materiais e horários.
- Favorece a independência dos estudantes.

Comportamento e Interação Social:

- Orienta estratégias para promover habilidades sociais.
- Auxilia no manejo de situações que impactam a convivência escolar.
- Incentiva a participação em atividades coletivas e recreativas.

Recursos que podemos sugerir:

- Adaptadores para lápis
- Organizadores visuais
- Adequações de mobiliário
- Materiais pedagógicos adaptados
- Rotinas visuais
- Estratégias para foco e atenção
- Acionamento de programas sociais e de apoio ao estudante

Quando a escola, professor e terapeuta ocupacional trabalham juntos, os estudantes têm mais oportunidades de aprender, participar e desenvolver seu potencial!

NEURODIVERSIDADE NA ESCOLA: DIVULGAÇÃO DE UMA CARTILHA PARA PROFISSIONAIS NO MUNICÍPIO DO CARMO-RJ

Ana Paula Abreu Jeronimo

Mirella de Sequeira Soares

O presente relatório surgiu com base na proximidade da realidade escolar vivenciados a partir de frequentes queixas sobre os desafios enfrentados perante a exclusão escolar relatadas pela mãe da aluna Ana Paula Abreu, que integra a coordenação de uma escola municipal situada na cidade de Carmo-RJ. A partir dessas escutas frequentes dentro de casa e os debates obtidos na disciplina “Terapia Ocupacional no Contexto Escolar”, reconhece-se que, apesar de haver políticas inclusivas e ferramentas educacionais voltadas à inclusão, o ambiente escolar continua sendo um local recorrente de exclusão. Visto essa realidade, o trabalho de extensão consistiu em formular estratégias de conscientização sobre a neurodiversidade na referida escola.

Para melhor assimilação da realidade enfrentada na escola diante a exclusão escolar, foram desenvolvidos e aplicados dois questionários. O primeiro questionário foi criado para compreender as queixas da coordenação como um todo, sendo formulado por 8 questões abertas. Já o segundo é composto por 6 questões fechadas, com o intuito de entender melhor o funcionamento da escola e a visão perante a funcionalidade da inclusão. Os questionários foram criados pelo Google Forms e administrados de forma online, por WhatsApp, no dia 12 de março. O retorno foi obtido no dia 17 do mesmo mês.

Verificou-se o seguinte:

- A escola não possui sala de recursos, um importante dispositivo de inclusão escolar.
- Todos os respondentes acreditam haver certo desconhecimento quanto aos procedimentos pedagógicos e as leis de inclusão.
- Igualmente, todos os respondentes afirmaram não se estarem totalmente preparados para atuar com o público neurodivergente.

- Há distorção idade-série de alunos do 2º e do 4º ano do ensino fundamental.

- Os professores possuem algumas dificuldades para elaboração do Plano de Ensino Individualizado (PEI). Além disso, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) ainda é visto como limitado.

A partir das análises dos questionários, notou-se que a escola possuía uma defasagem diante das políticas públicas sobre a inclusão escolar e uma baixa preparação dos profissionais que atuam perante o público neurodivergente. Diante dessa demanda, foi criada uma cartilha com o título “Neurodiversidade na escola: um guia prático para educadores” (anexada ao final do capítulo), produzida através do site Canva, com auxílio do referencial bibliográfico disponibilizado na disciplina. O objetivo da cartilha foi orientar os profissionais de educação, de forma prática e direta, informando sobre o que é a educação especial inclusiva, o seu público-alvo, como reconhecer a exclusão na escola e da escola, exemplificando sinais de sobrecarga e sugerindo possíveis estratégias de inclusão na sala de aula e adaptações do ambiente de aprendizado.

Reconhecendo que o a inclusão escolar é um assunto que abrange a educação como um todo, e não apenas a escola entrevistada, o trabalho de extensão contemplou todas as escolas municipais do Carmo. Assim, a cartilha foi encaminhada por e-mail, no dia 08 de junho de 2026, diretamente para a coordenadora de inclusão da Secretaria de Educação do município. O material foi distribuído para toda a rede de ensino pela própria coordenadora.

- No dia 18 de junho de 2026, a coordenadora da primeira escola a receber o material apresentou um retorno de forma positiva, alegando uma inquietação para melhor construção do próximo semestre escolar.

- Destaca-se, inclusive, grande entusiasmo dos Profissionais de Apoio Escolar (PAEs), que relataram a importância de identificar os sinais de sobrecarga nas crianças.

- Além disso, as autoras receberam um documento assinado pela equipe da escola agradecendo o envio do material e elogiando o trabalho realizado.

A Equipe Gestora e os Professores da Escola Municipal [REDACTED] agradecem às estudantes Ana Paula Abreu e Mirella Sequeira do Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade UNIFESO, pela elaboração e apresentação do Guia Prático para Educadores - Neurodiversidade na Escola. O material foi relevante, com linguagem acessível, orientações práticas e reflexões importantes para o fortalecimento de uma educação mais inclusiva. A iniciativa contribuiu para ampliar o conhecimento da equipe sobre estratégias que poderão ser aplicadas no cotidiano escolar. O compromisso, a dedicação e a sensibilidade demonstradas pelas estudantes foram mais uma ferramenta que nos auxiliará ao longo do ano letivo. Parabenizamos a toda equipe por trazer um assunto tão urgente e necessário às práticas pedagógicas de forma objetiva. Esperamos que essas orientações possam chegar a mais escolas e assim fortalecer o propósito de uma inclusão mais significativa.

Atenciosamente,

Acredita-se que a cartilha possa contribuir tanto com os professores quanto com os auxiliares na identificação de possíveis exclusões e possibilitar um preparo perante as demandas escolares, possibilitando pequenas adequações e estratégias de baixo recurso fundamentais para uma inclusão eficaz e consequentemente um ensino pleno para os alunos neurodivergentes. Essa ação reforçou o potencial transformador das práticas de extensão universitária ao alcançar diferentes instituições e profissionais de um território.



Neurodiversidade na escola

Um guia prático para educadores



Público-alvo

- Estudantes com deficiência (intelectual, física, visual, auditiva, múltipla, surdocegueira),
- com transtorno do espectro autista (TEA);
- altas habilidades / superdotação.

Educação Especial Inclusiva

Essa modalidade deve ser oferecida de maneira transversal a todos os níveis, etapas e modalidades; igualdade de oportunidades e condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem dos estudantes que são o público da educação especial; construção de um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, etapas e modalidades, sem discriminação.

Exclusão na escola

Dificuldades de inserção no sistema educacional, envolvendo também aqueles que chegaram a ingressar, mas foram excluídos em algum momento.

Exclusão da escola

Quando estudantes que frequentam a escola não participam plenamente do ensino formal. Afeta o rendimento / participação do aluno. Os "excluídos do interior" não usufruem da escola de maneira equitativa.

Como reconhecer?

- baixo rendimento;
 - fracasso escolar;
 - distorção idade-série;
 - recuperação/ repetência, etc.
- indicam segregação dentro da escola.



Sinais de sobrecarga:

A sobrecarga pode ocorrer quando o aluno é exposto a estímulos sensoriais, emocionais ou físicos além da sua capacidade de processamento naquele momento. É importante destacar que os sinais podem variar entre os alunos e que nem toda manifestação indica necessariamente uma sobrecarga. Entre os possíveis sinais, destacam-se:

Sinais emocionais:

- Irritabilidade e mudanças de humor.
- Choro frequente.
- Ansiedade, preocupação excessiva ou medo.

Sinais sensoriais:

- Cobrir os ouvidos diante de sons comuns.
- Incômodo com luzes, cheiros, texturas ou aglomerações.
- Dificuldade em ambientes barulhentos.
- Busca constante por estímulos sensoriais.

Estratégias de Inclusão em sala de aula:

Organização de rotina:

- Utilizar cronogramas visuais;
- Antecipar mudanças na rotina;
- Dividir tarefas longas em etapas menores;
- Estabelecer combinados claros;

Comunicação:

- Utilizar linguagem simples e objetiva;
- Confirmar se o aluno compreendeu as instruções;
- Associar orientações verbais a recursos visuais;
- Dar tempo para processamento das informações;

Atenção e Participação:

- Utilizar linguagem simples e objetiva;
- Confirmar se o aluno compreendeu as instruções;
- Associar orientações verbais a recursos visuais;
- Dar tempo para processamento das informações;

Regulação emocional:

- Respeitar momentos de autorregulação;
- Evitar exposição ou constrangimento diante da turma;

Adaptações ambientais:

- Evitar excesso de cartazes, objetos pendurados e informações visuais concorrentes.
- Disponibilizar um local tranquilo para momentos de pausa e regulação emocional.
- Reduzir ruídos desnecessários durante as atividades.
- Fechar portas e janelas quando o barulho externo for excessivo.
- Avisar previamente sobre eventos que possam gerar sons intensos
- Evitar luzes excessivamente fortes ou piscantes.
- Utilizar cronogramas visuais para apresentar a rotina do dia.
- Informar mudanças na programação com antecedência.
- Antecipar transições entre atividades.

"Inclusão não significa que o aluno deve se adaptar sozinho ao ambiente. A escola também pode se adaptar para garantir participação, aprendizagem e bem-estar para todos."

RODA DE CONVERSA COM PROFESSORES SOBRE O USO DA TECNOLOGIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Cleiver da Costa Barboza

Jéssica Maia de Lima

A ação de extensão relatada neste capítulo objetivou debater com os professores o que eles pensam a respeito do uso da tecnologia dentro da sala de aula e se ela pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem. A escolha do tema “tecnologia e educação” pretendeu contribuir com um debate atual nesse campo. Isso porque a tecnologia está cada vez mais presente no cotidiano e na vida diária das pessoas – aspectos centrais para a Terapia Ocupacional –, o que inclui a realidade dos alunos dentro e fora da escola. No entanto, sabe-se que nem todos os professores utilizam a tecnologia da mesma forma em sala de aula. Por isso, considera-se importante compreender a opinião dos professores sobre esse assunto, buscando analisar se o uso da tecnologia contribui de forma positiva para as aulas. Além disso, é preciso identificar como essas ferramentas estão sendo utilizadas, quais benefícios elas podem trazer e quais dificuldades ou limitações os professores encontram ao utilizá-las em sua prática pedagógica.

O trabalho foi desenvolvido ao longo do primeiro semestre de 2026, junto a 3 professores do Centro Educacional Serra dos Órgãos (CESO), cujas identidades serão preservadas. Primeiramente, aplicou-se um questionário. Esse questionário foi elaborado de forma simples e objetiva, contendo perguntas relacionadas ao uso da tecnologia, a vivência dessa realidade no dia a dia em sala de aula e às percepções dos docentes em relação aos seus benefícios e desafios.

Todos os professores relataram que utilizam recursos tecnológicos em sala de aula. Eles acreditam que a tecnologia pode contribuir positivamente para o processo de ensino e aprendizagem, tornando as aulas mais dinâmicas para os alunos. As tecnologias são utilizadas com frequência variada nas aulas. Dentre os recursos mais utilizados estão: computador, projetor/data show, plataformas

digitais, vídeos educativos e celular para fins didáticos. Dentre os objetivos pedagógicos para uso desses recursos, os professores mencionaram: explicar conteúdos, aplicar atividades, realizar pesquisas, fazer revisões de algum tema ou tornar a aula mais dinâmica. Por outro lado, também foi apontada como dificuldade a distração dos alunos durante o uso desses recursos.

Em outro momento, foi proposta pela dupla a realização de uma roda de conversa com os mesmos professores do CESO, com o objetivo de refletir e discutir estratégias para potencializar os benefícios da tecnologia e minimizar as dificuldades encontradas no cotidiano escolar. A atividade foi realizada em uma sala da instituição, onde foram apresentados os resultados obtidos por meio do questionário aplicado aos professores. Na sequência, foi aberto um espaço para que os participantes compartilhassem suas experiências, opiniões e desafios relacionados ao uso das tecnologias digitais na educação. Também foram discutidas formas de evitar que a tecnologia se torne um fator de distração para os alunos durante as aulas. Durante o diálogo, os pontos mais significativos foram anotados.



De modo geral, os participantes demonstraram gostar da proposta, consideraram o tema importante para a realidade escolar e avaliaram a atividade como um momento útil para trocar ideias e contribuir para sua formação. Eles relataram que a atividade os levou a refletir sobre suas práticas pedagógicas e sobre maneiras de aproveitar melhor os recursos tecnológicos disponíveis.

Toda a discussão com o grupo de docentes esteve amparada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (Brasil, 1996), que estabelece que todos os alunos devem ter igualdade de acesso, permanência e qualidade na educação. Isso significa que a escola deve oferecer oportunidades iguais para que todos aprendam bem, independentemente de sua condição social ou necessidade especial. O uso da tecnologia em sala de aula está diretamente ligado aos princípios da LDB, listados a seguir:

- Igualdade de acesso: computadores, tablets, internet e aplicativos educativos ajudam todos os alunos a participar das atividades e terem acesso às informações.
- Qualidade de ensino: recursos tecnológicos podem tornar o aprendizado mais dinâmico, facilitando a compreensão de conteúdos difíceis, usando vídeos, imagens, jogos e exercícios interativos.
- Formação de professores: os profissionais da educação devem ter formação adequada e continuada, incluindo o uso de tecnologias. Afinal, professores preparados devem saber utilizar ferramentas digitais para ensinar melhor e atender às necessidades de seus alunos.
- Investimento: o governo deve investir em infraestrutura, equipamentos e material didático necessário para a educação brasileira, incluindo recursos tecnológicos.

Portanto, defende-se que a tecnologia pode ser uma ferramenta importante para garantir educação de qualidade e a inclusão, desde que todos os alunos tenham acesso aos recursos, os professores estejam preparados para usar a tecnologia, a escola e o governo invistam em equipamentos, internet e formação, garantindo participação, aprendizado e acesso para todos.

AMPLIANDO A PARTICIPAÇÃO ESCOLAR DE UMA ALUNA COM DEFICIÊNCIAS MÚLTIPLAS

Paloma Ouverney de Aquino

Sheila Souza Monteiro Medeiros

O presente capítulo visa relatar a experiência de aplicação dos aprendizados na disciplina de Terapia Ocupacional em Contexto Escolar com uma aluna, chamada V., de 6 anos e diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Paralisia Cerebral (PC). Além desses diagnósticos, a estudante apresenta baixa visão e Diabetes Mellitus. V. é aluna de uma das autoras deste capítulo, que é professora do 1º ano do ensino fundamental de uma escola municipal em Teresópolis.

Apesar do desafio de receber uma estudante com deficiências múltiplas, suas deficiências não devem ser analisadas de forma isolada. A participação do aluno na escola não depende exclusivamente de suas habilidades individuais, mas da articulação entre suas necessidades e as condições oferecidas pelo ambiente (Souza; Borba; Lopes, 2024).

Para compreender o desempenho escolar de V., uma observação foi realizada ao longo de um mês pela própria professora regente. Contatou-se que a referida aluna não lancha junto aos seus pares e realiza antes do horário dos mesmos, pois necessita de aferição prévia do seu nível de glicose. A responsável que a alimenta. Em relação aos ambientes coletivos como pátio e quadra, ela não socializa. Também existe certo temor de que a aluna se machuque. Possui limitações significativas na participação na rotina escolar, envolvimento reduzido nas atividades, com dificuldade em se manter ativa nas tarefas motoras, na comunicação e na interação. A locomoção ocorre com suporte máximo, necessitando ser carregada no colo. A aluna não escreve e apresenta fala com diversas limitações, especialmente com repetição de partes finais das palavras.

Desse modo, propôs-se como objetivo da ação de extensão: ampliar as oportunidades de participação escolar de V. por meio da adaptação das atividades pedagógicas e coletivas, da mediação da professora regente e do

uso de recursos concretos, táteis, visuais e lúdicos disponíveis na rotina da turma. Os recursos utilizados foram simples e vinculados às propostas da rotina escolar, incluindo tinta, palitos de picolé organizados em forma geométrica, letras do alfabeto com textura macia, orelha temática para dinâmica coletiva, bacia com água, tampas coloridas e bola.

Dentre as estratégias propostas, destacam-se:

Participação coletiva	Inserção da aluna em atividades realizadas com a turma, com mediação da professora e apoio dos colegas.
Acesso à atividade pedagógica	Adaptação da forma de execução da tarefa, permitindo pintura com os dedos e exploração direta do material.
Exploração de recursos concretos	Uso de letras táteis, tampas coloridas, água, bola e materiais manipuláveis.
Mediação da professora	Oferta de modelo, aproximação gradual do material e acompanhamento durante a ação.
Interação com pares e rotina	Participação em dinâmica coletiva e imitação de ações realizadas pela turma.

Um exemplo de proposta ocorreu durante a semana de atividades alusivas ao Dia Internacional da Mulher, período em que a turma trabalhou nomes de mulheres que fizeram história no Brasil. Como consequência, foi realizada a atividade da “casinha”, com a frase “A melhor mulher do mundo mora comigo”, fazendo referência à figura materna. A aluna participou da proposta por meio da pintura da estrutura confeccionada com palitos de picolé, utilizando os dedos e contando com a mediação da professora regente. Inicialmente, observou a ação da professora e aproximou-se por meio do toque; posteriormente, passou a participar da pintura. A adaptação da execução, permitindo o uso dos dedos em vez de instrumentos gráficos, possibilitou maior acesso à atividade e favoreceu sua inserção em uma proposta pedagógica vivenciada pela turma.



Em outra situação, foi realizada a proposta “Conhecendo a letra V”, consoante inicial do nome da aluna, em continuidade à atividade trabalhada com toda a turma. Para favorecer seu acesso ao conteúdo, a professora apresentou a letra confeccionada em feltro, possibilitando que a aluna pudesse tocar, sentir a textura e explorar o recurso de forma concreta. Inicialmente, a aluna demonstrou resistência importante em tocar na letra; contudo, após mediação, tempo de aproximação e associação da proposta à musicalidade, passou a manipulá-la, aproximando-a do rosto e sorrindo. O uso do tato, associado aos sons/músicas, possibilitou a participação coletiva.

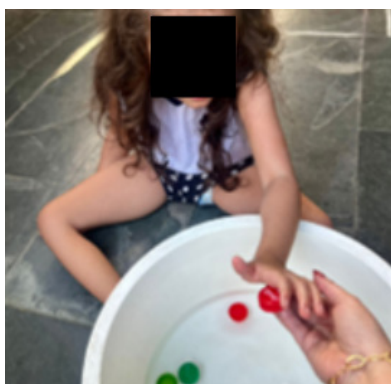


Em uma atividade da letra do dia, na qual os estudantes deveriam abaixar a cabeça e pensar em palavras iniciadas pela letra trabalhada, a aluna aparece imitando a ação dos colegas, mantendo a cabeça abaixada sobre a mesa. Durante a atividade, também emitiu alguns sons e repetiu palavras

curtas, como “vovó”, tentando acompanhar a dinâmica do grupo. Esse registro indica participação na rotina coletiva por meio da imitação da ação proposta à turma e de tentativa de resposta vocal, ainda que não seja possível afirmar aquisição do conteúdo trabalhado.



Outra atividade envolveu uma bacia com água, tampas coloridas e bola. Inicialmente, a aluna observou com atenção as tampas boiando na água. Em seguida, tocou em uma das tampas retirada pela professora, jogou uma bola dentro da bacia e explorou a água com as mãos. Ela sorriu e gargalhou enquanto movimentava a água e as tampas, ainda que sem manutenção constante de contato visual. O resultado observado foi maior engajamento corporal e afetivo diante de uma atividade concreta, lúdica e exploratória. A música utilizada e adaptada para esta atividade foi “Se eu fosse um peixinho”. Isso a fazia se envolver ainda mais na proposta.



Além disso, foi realizada a adaptação da mesa e da cadeira utilizadas pela aluna, a partir dos materiais disponíveis na própria escola. Para isso, foram utilizados tubos de espuma do tipo “macarrão de piscina”, fixados com fita adesiva nas laterais e na borda da mesa, além de um colchonete de academia posicionado sobre a cadeira. A adaptação foi pensada diante da necessidade de tornar o mobiliário mais confortável e seguro para a permanência da aluna durante as atividades escolares, considerando suas demandas posturais e comportamentais observadas em sala.

Os tubos de espuma foram colocados especialmente porque a aluna apresenta o comportamento de morder a mesa, o que pode gerar risco de machucados ou desconforto. Dessa forma, o material macio funciona como uma barreira protetiva, reduzindo o contato direto com a estrutura rígida do mobiliário. Já o colchonete na cadeira tem como finalidade oferecer maior acolhimento corporal, melhorar o conforto durante a permanência sentada e favorecer uma postura mais estável pelo maior apoio na superfície.



De modo geral, todo o trabalho de extensão esteve relacionado à Política Nacional de Educação Especial Inclusiva (PNEEI) (Brasil, 2025), que reforça a garantia do direito à educação em um sistema educacional inclusivo, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades. A educação inclusiva deve ser ofertada de maneira transversal, com recursos e serviços que apoiem o processo de escolarização, em classes comuns, devendo ocorrer com apoio necessário à participação, permanência e aprendizagem. Essa fundamentação dialoga com o caso, uma vez que a aluna estava presente na escola, mas necessitava de adaptações e mediações para que sua participação fosse efetivamente construída.

OFICINAS DE SENSIBILIZAÇÃO SOBRE A DEFICIÊNCIA VISUAL COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Elisângela Cezar Moraes

Este relato de experiência aborda uma atividade extensionista cujo objetivo foi promover a conscientização sobre as barreiras de participação dos estudantes com deficiência visual ou baixa visão nos anos iniciais do ensino fundamental. A escolha desse tema está relacionada ao interesse da autora – professora da Sala de Recursos Multifuncionais de uma escola municipal de Guapimirim – em compreender melhor como favorecer, na prática, a inclusão desses estudantes.

Alves (2025) explica que a deficiência visual ocorre quando uma doença ocular acomete o sistema visual e uma ou mais funções visuais. A condição de deficiência visual é resultado da relação entre as funções visuais e as barreiras de participação do ambiente. Assim, o quadro deve ser avaliado por meio de testes que variam de acordo com a faixa etária, com a capacidade de compreensão e colaboração. A participação de estudantes com deficiência visual ou baixa visão no ambiente escolar envolve muitos desafios, especialmente no que se refere à participação nas atividades de aprendizagem e no desenvolvimento da independência.

As ações aqui descritas surgiram de um insight que a autora teve durante a conversa com uma professora braillista atuante na Sala de Recursos Multifuncionais de outra escola, também localizada em Guapimirim. Dessa forma, realizou-se duas oficinas de sensibilização em colaboração: uma na escola onde atua a professora braillista e a outra na escola onde a autora trabalha. O presente texto trata apenas da oficina conduzida pela autora.

A oficina foi organizada em estações de experimentação, na qual todos os estudantes puderam manipular e vivenciar recursos de Tecnologia Assistiva e adaptações de baixo custo utilizadas no processo de ensino-aprendizagem e no dia a dia de pessoas com deficiência visual. A atividade foi planejada para ocorrer em um único encontro, com duração compatível com o tempo

de aula disponível, permitindo a rotatividade dos grupos pelas estações com aproximadamente 20 minutos. O público participante foi composto por estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, incluindo tanto estudantes com deficiência visual do Atendimento Educacional Especializado (AEE) quanto estudantes sem deficiência matriculados na sala de aula regular. As atividades permitiram que os estudantes sem deficiência experimentassem parte das estratégias utilizadas, ao mesmo tempo em que os estudantes com deficiência visual puderam ter seus recursos e atividades valorizados e apresentados aos colegas.

Cada estação contou com uma breve explicação sobre a função do recurso apresentado, seguida de tempo livre para manipulação e experimentação prática. Buscou-se favorecer a vivência sensorial, especialmente por meio de atividades de privação visual momentânea (com uso de venda ou olhos fechados), de modo a aproximar os participantes da experiência perceptiva de colegas com deficiência visual.

A maior parte dos recursos utilizados foi confeccionada artesanalmente, com materiais de baixo custo e reaproveitados. Os recursos e adaptações apresentados e experimentados durante a oficina foram: prancha Braille com punção; régua vazada para escrita Braille; plano inclinado confeccionado com madeira reaproveitada e fitas de velcro; fichas em Braille para pareamento; painel de tecido vermelho com velcro para associação entre palavras em Braille e imagens de alto contraste; placas emborrachadas vazadas para encaixe de tampinhas de garrafas PET, simulando a escrita em Braille; atividade de coordenação motora fina com pinça e pompons para preenchimento de uma borboleta vazada; pranchas táteis e texturizadas; letras móveis; caixa de encaixe confeccionada com papelão reutilizado; atividades de pareamento com figuras produzidas em barbante; atividades de categorização em pranchas de papelão; ábaco vertical infantil; cartões com letras ampliadas e em alto contraste; e o livro infantil “A Ovelha Rosa da Dona Rosa”, disponibilizado em Braille e em fonte ampliada. Além disso, as crianças observaram que o Braille está presente nas embalagens de medicamentos, ampliando a compreensão sobre sua utilização no dia a dia.

Durante a condução da oficina, estimulou-se a participação dos estudantes através de perguntas abertas, estimulando a curiosidade e valorização das hipóteses formuladas por eles sobre o funcionamento dos recursos, antes da explicação formal. Houve uma participação ativa dos estudantes,

que engajaram espontaneamente nas diferentes estações de experimentação. Observou-se grande interesse e curiosidade, especialmente diante de recursos pouco conhecidos pela maioria, como a prancha Braille com punção, o ábaco vertical infantil e o painel de associação entre Braille. Os estudantes fizeram perguntas sobre o funcionamento dos recursos e sobre a rotina escolar dos colegas com deficiência visual.



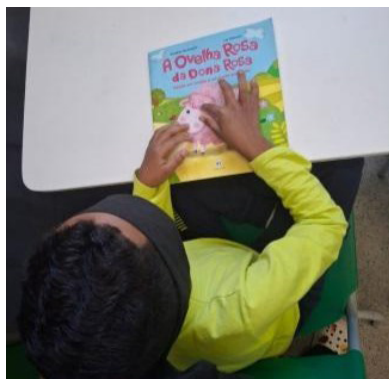
A dinâmica de privação visual momentânea, conduzida durante parte das atividades, mostrou-se eficaz para a sensibilização dos estudantes sem deficiência visual. Ao tentarem realizar tarefas simples, como localizar uma ficha em Braille ou encaixar tampinhas nas placas emborrachadas sem o uso da visão, os participantes relataram dificuldade inicial. Também expressaram maior compreensão das barreiras enfrentadas pelos colegas, construindo empatia para além da simples explicação verbal.



O desafio com pinça e pompons, voltada ao preenchimento da borboleta vazada, despertou interesse, ao mesmo tempo em que permitiu discutir com os estudantes a importância do desenvolvimento da motricidade fina para a escrita em Braille e para outras atividades escolares. De modo semelhante, o treino funcional de abertura/fechamento de recipientes e manuseio de materiais escolares possibilitou o diálogo sobre as competências necessárias no dia a dia dos estudantes com deficiência visual.



O livro “A Ovelha Rosa da Dona Rosa”, utilizado em Braille e fonte ampliada durante a oficina realizada, foi obtido por meio da Feira Literária de Guapimirim (FLIG), evento municipal que oportuniza a estudantes de todas as escolas da rede o acesso a estandes de livros e materiais diversos. Destaca-se que a FLIG conta, ainda, com um espaço de acolhimento sensorial voltado especificamente a crianças com deficiência, iniciativa que amplia a participação desse público no evento e reforça o compromisso da política cultural municipal com a acessibilidade.



A presença de estudantes com deficiência visual atuando como protagonistas em algumas estações explicando aos colegas o funcionamento de recursos de seu uso, como a régua vazada e a prancha Braille, produziu valorização e pertencimento, invertendo a posição habitualmente ocupada por eles de “objeto de explicação” para a posição de educadores.



Em suma, destaca-se que os recursos apresentados favoreceram a compreensão, pelos estudantes sem deficiência visual, das barreiras ambientais e atitudinais enfrentadas por colegas com deficiência visual, ao mesmo tempo em que reforçaram, para os estudantes com deficiência, o valor de suas próprias estratégias de participação. O engajamento do indivíduo em ocupações significativas no contexto escolar é um aspecto central para a Terapia Ocupacional. Assim como propõem Lima et al. (2019), acredita-se que a atuação da Terapia Ocupacional na educação inclusiva não se restringe ao atendimento individualizado do estudante com deficiência, envolvendo a acessibilização e transformação do ambiente escolar como um todo.

PROMOVENDO A CONVIVÊNCIA DA TURMA COM UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Claudio Roberto Medeiros Sant'ana Junior

Pedro Arthur de Freitas Martins

O trabalho de extensão visou auxiliar a convivência e a inclusão de uma criança com deficiência auditiva no contexto escolar a partir da conscientização da turma. A escolha do tema se deu pelo contato próximo com essa realidade, já que uma familiar de um dos autores é professora e instrutora de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e lida com essa demanda cotidianamente. Isso facilitou o acesso às informações e despertou o interesse em entender melhor como esse processo acontece no chão da escola.

Primeiramente, foi realizada uma conversa com a profissional por chamada de vídeo, em um ambiente tranquilo que favoreceu o diálogo. O principal objetivo foi compreender como ocorre, na prática, a inclusão da criança com deficiência auditiva. Durante a conversa, ela compartilhou aspectos importantes de sua formação e trajetória, destacando sua especialização na área de inclusão e Libras. Relatou também os desafios enfrentados no início da carreira, principalmente em relação à comunicação com o aluno e à adaptação das atividades, e como essas experiências contribuíram para seu desenvolvimento profissional.

A profissional também destacou que utiliza diferentes estratégias para favorecer a inclusão, como recursos visuais, linguagem mais simples, uso de gestos e apoio da Libras. Também ressaltou a importância do intérprete, do apoio da escola e do trabalho em equipe para garantir a participação do aluno nas atividades.

Além disso, apontou que ainda existem desafios, como a necessidade de maior preparo dos professores e mais investimentos em recursos e formação continuada. Mesmo assim, demonstrou satisfação com sua atuação e reforçou a importância do vínculo com o aluno e da dedicação no processo de inclusão.

Assim, optou-se por auxiliar o trabalho já desenvolvido por ela. Nesse sentido, elaborou-se uma cartilha educativa sobre inclusão escolar, com foco na comunicação com estudantes com deficiência auditiva, para ser distribuída junto aos demais alunos.

A cartilha foi desenvolvida com linguagem simples, clara e visual, com o objetivo de facilitar o entendimento dos alunos sobre a condição do colega com deficiência auditiva e melhorar a convivência em sala de aula. Entre os conteúdos abordados estão: o uso de recursos visuais, a importância de se posicionar de frente para o aluno ao se comunicar, o uso de gestos, além de dicas do que fazer e das atitudes que se deve evitar na comunicação.



A intervenção foi realizada em parceria com a professora. Após uma nova chamada de vídeo para o planejamento da ação, a professora compartilhou o material com seus alunos, utilizando-o como apoio em sala de aula. Como resultados, pôde-se observar:

- A cartilha foi considerada útil como apoio para ajudar os alunos a entenderem melhor a condição do colega com deficiência auditiva e melhorar os modos de convivência em sala.

- A proposta também foi bem recebida por apresentar exemplos do que fazer e do que evitar, tornando o conteúdo mais prático e contribuindo para uma maior conscientização sobre inclusão, respeito às diferenças e melhora na comunicação.

- Em geral, a intervenção foi positiva, pois possibilitou a troca de conhecimentos e trouxe orientações simples que podem ser aplicadas no contexto escolar.

Dessa forma, foi possível compreender que a inclusão de crianças com deficiência auditiva no contexto escolar vai além do simples acesso à escola, envolvendo também a participação, a comunicação e o desenvolvimento do aluno junto com toda a turma dentro do ambiente escolar. Ao relacionar a experiência da professora com a prática de conscientização, fica evidente que a inclusão escolar é um processo contínuo, que exige adaptação, preparo dos profissionais e compromisso com o desenvolvimento e participação de todos os envolvidos.

DESAFIOS DA ESCOLARIZAÇÃO NA DERMATITE ATÓPICA

Felipe Luz da Cunha

Paula Sayuri Fernandes Kuahara

Este texto busca problematizar os desafios escolares de um estudante com Dermatite Atópica (DA). A ideia para o trabalho de extensão surgiu a partir do conhecimento da condição de Dermatite Atópica Severa e da situação escolar em que o filho da autora – o aluno G., de 12 anos de idade – atravessa. Procurou-se refletir sobre as possíveis situações de dificuldade de participação social e de desempenho na escola com base na disciplina de Terapia Ocupacional em Contexto Escolar do UNIFESO.

Segundo Guillen et al. (2021), a DA é uma patologia dermatológica crônica que evolui em surtos e acontece predominantemente na infância. Ela tem como principais sintomas o prurido (sensação de coceira), a xerose cutânea (ressecamento severo da pele) e lesões de padrão eczematoso.

Para entender a condição escolar de G., realizou-se uma conversa inicial com ele e buscou-se informações via mensagem com a escola onde o mesmo está matriculado. Resumidamente, G. relatou boa participação nas atividades exigidas em ambiente de sala de aula, necessitando de auxílio mínimo e ocasional para suas tarefas. Contudo, embora os resultados da avaliação indiquem um desempenho satisfatório no campo motor e cognitivo-comportamental, é importante destacar que esses dados não contemplam os aspectos emocionais e sociais que atravessam a experiência escolar.

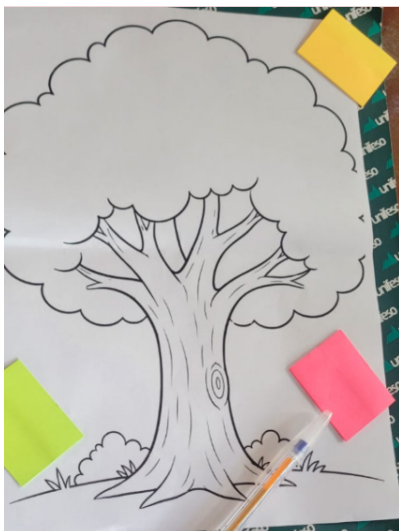
A DA impacta significativamente a qualidade de vida de G. devido às crises recorrentes, às intensas coceiras, às lesões cutâneas visíveis e à privação do sono, fatores que contribuem para o desgaste físico e emocional. Além disso, o tratamento contínuo, que envolve acompanhamento com diferentes especialistas, exige deslocamento frequentes e resultam em faltas escolares constantes, prejudicando a continuidade do seu processo de aprendizagem e interação social.

Atualmente aos 12 anos, pode-se observar uma melhora na aceitação de sua condição. Contudo, considerando sua entrada na adolescência, período marcado por transformações físicas, emocionais e sociais, foi necessário o retorno à psicoterapia especializada, visando prevenir possíveis impactos negativos na autoestima, nas relações interpessoais e no engajamento escolar.

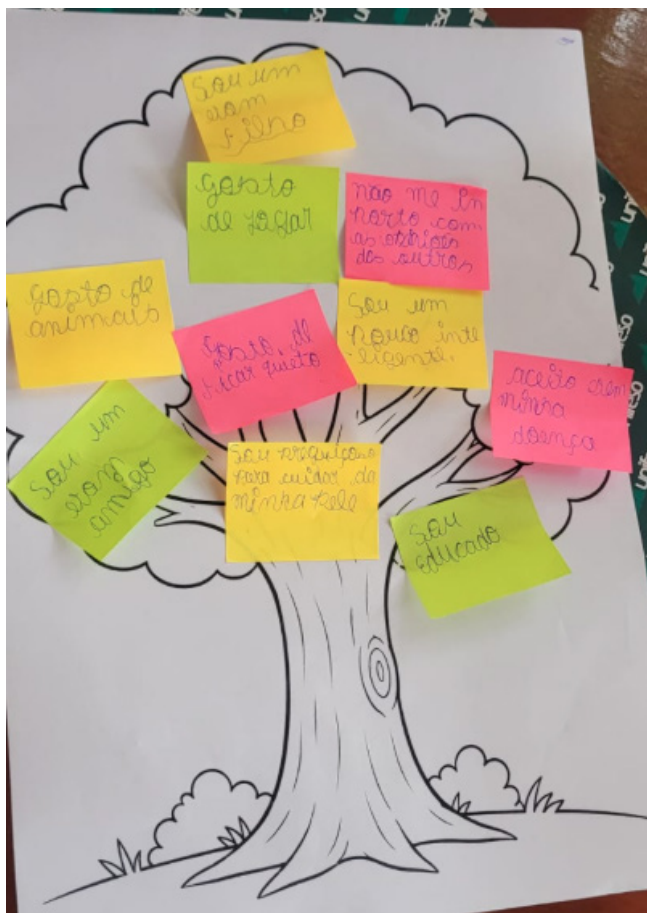
Pensando em suas demandas, objetivou-se promover uma ação extensionista sobre a autoestima, o respeito às diferenças e a inclusão escolar, favorecendo o bem-estar do estudante. A intervenção proposta foi a atividade lúdica denominada Árvore das Qualidades. Para tanto, utilizou-se como materiais: Folha A4; Desenho de árvore; Papéis coloridos; Caneta; Lápis de cor; Cola.

A Árvore das Qualidades foi composta em três etapas:

- Etapa 1: Realizou-se o acolhimento e a escuta, permitindo que G. falasse um pouco sobre suas experiências com a DA, sua vivência escolar e sobre aspectos relacionados à autoestima.
- Etapa 2: Foi apresentada uma árvore impressa em papel A4, onde G. precisou identificar e registrar, em folhas coloridas, características positivas sobre si mesmo, habilidades, atividades que gosta e qualidades que considera importantes em sua personalidade. Cada qualidade identificada foi colada na árvore, formando a “Árvore das Qualidades”.



- Etapa 3: Foi feito um debate sobre a Árvore e a importância de reconhecer as próprias qualidades e valorizar suas capacidades para além da condição de saúde. Foram abordados temas como a aceitação da própria imagem, as diferenças humanas, a convivência escolar, o reconhecimento de potencialidades e as estratégias para enfrentamento de situações de preconceito ou constrangimento.



Na atividade realizada com o G. utilizou-se uma linguagem simples e acolhedora para favorecer sua participação. Durante o encontro, foi possível conversar sobre sua experiência com a DA, os desafios enfrentados ao longo de sua trajetória escolar e a forma como percebe sua condição atualmente. Ele mostrou-se bastante receptivo e participativo, compartilhando situações vivenciadas e refletindo sobre os temas abordados.

Apesar de relatar que atualmente lida melhor com sua condição de saúde, foi possível perceber que as experiências vividas durante a infância ainda fazem parte de sua história e influenciam sua forma de compreender algumas situações. O fato de identificar qualidades permitiu que o adolescente reconhecesse suas potencialidades para além da doença. Além disso, o espaço de escuta possibilitou que ele expressasse sentimentos, opiniões e percepções sobre seu cotidiano escolar.

A adolescência é um período em que a construção da identidade social e a afirmação da autoestima assumem grande importância. Por essa razão, alterações físicas visíveis e condições de saúde que diferenciam o adolescente de seus pares podem gerar sentimento de insegurança, vergonha e preocupação com a própria imagem. Embora G. demonstre maior aceitação de sua condição, a necessidade de retomar o acompanhamento terapêutico evidencia a importância do suporte durante essa fase.

De modo geral, a atividade promoveu um momento de acolhimento, reflexão e valorização das potencialidades do adolescente. A experiência reforçou que atividades expressivas podem contribuir para o fortalecimento da autoestima, para o desenvolvimento emocional e para uma participação mais positiva nos diferentes contextos de vida, especialmente no ambiente escolar.

A situação de G. demonstra como condições crônicas de saúde podem gerar exclusão simbólica e concreta, principalmente quando não há compreensão por parte da sociedade. A Terapia Ocupacional no contexto educacional pode auxiliar em casos de DA, pois pretende estimular a participação dos estudantes em suas ocupações escolares, considerando as características do indivíduo e as demandas do ambiente (COFFITO, 2019). Dessa forma, compreender a realidade vivida pelo aluno é fundamental para identificar fatores que podem influenciar sua participação.

ADEQUAÇÃO DO AMBIENTE DE SALA DE AULA PARA UM ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Danilo Barbosa Corrêa

Thiago Nogueira da Conceição

Este capítulo aborda a temática das necessidades de adequação ambiental da sala de aula para favorecer a participação escolar de um aluno com Transtorno do Espectro autista. O interesse pelo tema tem origem na experiência profissional dos autores, que já atuam com esse público em contexto clínico. A escolha do caso de C., uma criança com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), com 6 anos de idade, que cursa o 1º ano do ensino fundamental numa escola municipal, se justifica pela necessidade de compreender as barreiras funcionais, sensoriais e contextuais presentes no ambiente escolar, possibilitando intervenções mais eficazes.

A avaliação do desempenho escolar de C. foi realizada por meio de observação direta da criança durante visita técnica à escola e entrevista junto à equipe escolar (direção, orientação pedagógica e professora regente). Os itens do protocolo de avaliação School Function Assessment (SFA) foram utilizados como inspiração para a observação e a entrevista.

A equipe escolar mostrou-se receptiva e colaborativa, possibilitando uma escuta qualificada das demandas. Foi realizada uma visita guiada por todo o ambiente físico da escola, permitindo analisar a organização das rotinas, os espaços e o contexto de participação do aluno. A direção também oportunizou um diálogo direto com a professora regente, o que contribuiu significativamente para a compreensão das dificuldades apresentadas por Calebe no cotidiano escolar.

Sobre os resultados da observação e da entrevista, constatou-se:

- Participação escolar: Apresenta baixa participação nas atividades escolares quando comparado ao esperado para sua faixa etária. Sua inserção nas rotinas escolares ocorre de forma limitada, exigindo mediação

constante da equipe pedagógica. Existem barreiras significativas na permanência e no engajamento em atividades estruturadas.

- **Auxílio nas tarefas:** Necessita de assistência moderada a elevada em suas tarefas. Ele não realiza as atividades com independência, sendo necessário suporte constante do adulto e ajustes no ambiente e nas demandas para viabilizar sua participação.

- **Tarefas físicas:** Há prejuízo em atividades que exigem autonomia funcional, organização e coordenação motora, com impacto direto nas atividades escolares e de autocuidado.

- **Tarefas cognitivo-comportamentais:** Há comprometimento nas funções cognitivas e comportamentais, principalmente em comunicação funcional, compreensão, autocuidado e regulação do comportamento. A interação social também se mostra limitada, reforçando dificuldades no engajamento com pares e no cumprimento de regras escolares.

De modo geral, observou-se que a escola apresenta dificuldades no manejo do aluno, principalmente em relação à sua permanência em atividades estruturadas. As principais demandas de C. são: a busca constante por estímulos sensoriais, a dificuldade em manter atenção sustentada, a permanência em atividades estruturadas e o engajamento nas tarefas propostas. A equipe também relata não ter identificado, até o momento, reforçadores comportamentais eficazes que favoreçam seu engajamento nas atividades escolares.

Em resumo, os fatores ambientais presentes na sala de aula atuavam como potenciais distratores, dificultando a participação efetiva do aluno nas atividades acadêmicas. Considerando que a Terapia Ocupacional no contexto escolar busca promover a participação ocupacional por meio da adaptação das atividades e dos ambientes, foi proposta uma intervenção de baixo custo, fácil implementação e baseada nos princípios do desenho universal e da acessibilidade pedagógica.

A intervenção consistiu na reorganização do posicionamento da carteira do aluno dentro da sala de aula, transferindo-a para uma região mais próxima da professora regente, ao lado de um armário já existente no ambiente. Tal posicionamento proporcionou uma redução do campo visual disponível ao aluno, diminuindo a exposição a estímulos distratores provenientes da circulação de colegas, materiais expostos nas paredes e demais movimentações da sala.



A ação de extensão foi realizada durante o período regular de aula, em parceria com a professora regente e a profissional de apoio escolar, mantendo-se todas as demais características da rotina pedagógica inalteradas. A intenção foi favorecer a atenção sustentada, ampliar o tempo de permanência nas atividades, reduzir distrações ambientais e aumentar a funcionalidade do aluno nas demandas acadêmicas e sociais. Como estratégia complementar, a equipe foi orientada a monitorar o comportamento do aluno durante as atividades, observando possíveis alterações no nível de engajamento, necessidade de mediação e tempo de permanência em tarefas estruturadas.

Os recursos utilizados restringiram-se à reorganização física do ambiente escolar, sem necessidade de aquisição de materiais adicionais, demonstrando que pequenas adaptações ambientais podem gerar impactos significativos na participação.

Campos, Kleinschmidt e Cavalcanti (2019) ao abordarem o mobiliário escolar adaptado, ressaltam que a organização do espaço físico da sala de aula é um recurso essencial para favorecer o acesso, a participação e o desempenho dos estudantes. Não apenas mesas e cadeiras adaptadas constituem recursos de acessibilidade, mas também a forma como os mobiliários são distribuídos, possibilitando melhor organização espacial, redução de barreiras e adequação das demandas escolares.

Embora a intervenção realizada não tenha envolvido a utilização de mobiliário especializado, a reorganização estratégica da carteira representou uma adaptação ambiental relevante. A proximidade com a professora possibilitou maior suporte pedagógico, enquanto a redução do campo visual contribuiu para minimizar estímulos concorrentes, favorecendo a atenção sustentada e o acompanhamento das atividades.

RELÓGIO DE ROTINA E PAINEL DE COMBINADOS: RECURSOS PARA A AUTORREGULAÇÃO NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Daphne Reze Dottori

Leidiane Clara dos Santos Barbosa

O presente capítulo pretende descrever como auxiliar uma criança de 5 anos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em seu processo de autorregulação no contexto escolar. A temática nasceu da inquietação de uma das autoras, mãe de uma criança atípica frente às demandas comportamentais e de concentração da criança.

O TEA, de forma geral, pode trazer dificuldades nas funções executivas, na autorregulação e na flexibilidade comportamental. Tais dificuldades podem impactar diretamente na participação escolar. Nesse sentido, reforça-se a importância de práticas pedagógicas inclusivas e mediadoras.

Assim, o trabalho de extensão partiu da percepção da família da criança (mãe e irmã mais velha). Por um lado, observou-se que o aluno apresenta desempenho satisfatório em sala de aula regular, demonstrando autonomia para realizar as atividades propostas e executar tarefas físicas de coordenação motora ampla com boa independência.

Por outro lado, em contextos menos estruturados, como recreio, momentos de higiene, alimentação e transições, o aluno apresenta limitações. Situações que exigem adaptação social e organização comportamental sem mediação de um adulto são mais difíceis para ele. O mesmo apresenta dificuldades de concentração, controle inibitório, regulação comportamental e emocional, e interação social, especialmente em ambientes com muito estímulo disponível. Consequentemente, há maior nível de dependência nas atividades de vida diária, como o autocuidado, a higiene, a alimentação e o manejo de roupas.

Diante dos comportamentos, ambientes e desempenhos analisados, as autoras optaram por realizar uma ação extensionista baseada na organização

ambiental e no uso de suportes visuais para as atividades cotidianas dentro da escola. A ação consistiu na confecção e aplicação de dois recursos para uso na escola: um Relógio de Rotina estruturado com tarefas diárias e um Painel intitulado “Nossos Combinados”. Ambos foram confeccionados manualmente com E.V.A., cartolina colorida e ilustrações impressas. A aplicação ocorreu no mês de junho de 2026. O uso dos recursos foi feito sob a supervisão da professora regente.

O Relógio de Rotina foi desenhado em formato circular com ramificações em estrelas que representam a sequência de momentos do cotidiano escolar (chegada, atividade pedagógica, lanche, parque, higiene e saída). O uso de pistas visuais concretas, associado à mediação verbal da professora regente, pode facilitar a participação da criança. Somado a isso, a criança pode utilizar o recurso de modo ativo, movendo o ponteiro do relógio conforme a passagem das atividades.



O painel “Nossos Combinados”, por sua vez, foi elaborado verticalmente, com apoio de imagens e frases afirmativas curtas, detalhando de forma clara e concisa as regras de convivência da sala de aula. O painel de combinados funciona como uma “âncora visual” para momentos de desregulação. Alguns exemplos de combinados são: levantar a mão para pedir

para sair de sala, respeitar a sua vez de falar, realizar as atividades propostas pela professora etc. Além disso, as regras podem ser adaptadas conforme o contexto em que o recurso for empregado.



A execução do trabalho de extensão ocorreu, na prática, de modo engajado e fluido. Ao introduzir o Relógio de Rotina e o Painel de Combinados, notou-se um interesse imediato do aluno pelos estímulos visuais lúdicos e coloridos. A dinâmica de permitir que ele manipulasse o ponteiro central do relógio facilitou o processo. Houve entusiasmo por parte do aluno: ao longo do dia, a própria criança recorria espontaneamente ao painel, apontando e conversando sobre as regras ilustradas e a sequência de atividades.

Nota-se que os recursos visuais têm potencial para promover a autonomia do estudante com TEA em contexto escolar. Eles trazem previsibilidade para a rotina – aspecto essencial em casos de TEA – e reduzem comportamentos considerados disruptivos. A estruturação do ambiente também reduz a ansiedade, facilitando a transição entre as tarefas pedagógicas. Sendo assim, recomenda-se o uso desse tipo de estratégia no suporte para a autorregulação e dificuldades de atenção ou engajamento ocupacional em sala de aula.

Perez (2024) afirma que o uso de estratégias visuais lúdicas pode auxiliar no manejo comportamental no TEA, permitindo que a criança gerencie suas próprias respostas diante das demandas sociais. Ao construir esses recursos e os painéis de forma participativa com o aluno autista, substitui-se o caráter punitivo pelo caráter democrático da convivência escolar.

TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: IMPACTOS NO DESEMPENHO ESCOLAR

Beatriz de Paiva Gama Rabello Gomes

Elaine Mêdas Portugal

Este trabalho aborda como tema as maneiras pelas quais o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) pode interferir no desempenho escolar e na organização da rotina do aluno. A opção pelo tema aconteceu tendo em vista a curiosidade das autoras em relação ao aumento do número de pessoas com esse diagnóstico, especialmente no contexto escolar.

Segundo a Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2014), o TDAH é um transtorno do neurodesenvolvimento definido por níveis prejudiciais de desatenção mesclado ou não com comportamentos hiperativos-impulsivos. Ele tende a persistir na vida adulta, resultando em prejuízos no funcionamento social, acadêmico e profissional.

Com o intuito de compreender melhor o desempenho ocupacional dos alunos com TDAH e conscientizar as pessoas sobre tal assunto, propôs-se como ação de extensão uma entrevista com uma professora, conhecida pelas autoras, especialista em Psicopedagogia com Ênfase em Educação Especial, que atua na educação infantil junto a alunos com TDAH. A conversa com a profissional abordou aspectos relacionados ao referido transtorno e às estratégias pedagógicas no período letivo atual (2026), além do relato baseado na prática profissional da docente.

Dentre os comportamentos mais comuns em sala de aula que podem levantar suspeita do diagnóstico de TDAH estão:

- Dificuldade em manter a atenção e se concentrar em atividades.
- Falar excessivamente ou interromper os outros.
- Dificuldade em seguir instruções ou completar tarefas.
- Se movimentar excessivamente.
- Esquecer coisas importantes.
- Dificuldade em colaborar com os colegas de turma ou seguir regras.

Ainda segundo a professora, pode-se perceber a diferença entre comportamentos considerados “indisciplinados” e sinais de TDAH: A indisciplina comum é geralmente intencional e pode ser corrigida com um trabalho comportamental, enquanto os comportamentos em casos de TDAH são frequentemente involuntários e requerem apoio, adaptações específicas, acompanhamento terapêutico especializado e trabalho comportamental prolongado. Acrescenta-se que os alunos com TDAH podem apresentar dificuldades em controlar seus impulsos e comportamentos, enquanto os alunos indisciplinados podem estar desafiando as regras de forma consciente.

Essa condição pode afetar o processo de aprendizagem e acarretar dificuldades de participação para os alunos durante as aulas. Dentre as questões mais comuns estão:

- Dificuldade em completar tarefas que podem parecer simples.
- Necessidade de auxílio para lembrar e seguir instruções ou completar tarefas.
- Interrupção dos outros colegas, da atividade ou da professora.
- Destrutibilidade e perda de materiais.
- Dificuldade em reter informações importantes dos conteúdos.
- Baixa autoestima e motivação para realizar tarefas de alta exigência cognitiva.
- Problemas de comportamento.
- Maior risco de abandono escolar e problemas acadêmicos.

Como visto, há um impacto significativo na participação em contexto escolar. As demandas de um aluno com déficit de atenção/hiperatividade requerem o uso de estratégias de inclusão, como por exemplo:

- Dividir tarefas em etapas menores.
- Usar recursos visuais e auditivos (imagens, vídeos, áudios e apresentações).
- Incorporar movimento e atividade física nas tarefas escolares.
- Estabelecer rotinas e horários, fornecendo previsibilidade.
- Oferecer opções de avaliação (provas orais, trabalhos ou apresentações).
- Ajustar o tempo de prova, permitindo mais tempo para completar as provas ou atividades.
- Aprendizagem baseada em projetos, experimentos ou atividades que sejam práticas e interessantes.

- Gamificação, transformando tarefas escolares em jogos e atividades lúdicas ou mesmo incorporando tecnologia, como aplicativos e jogos educativos.

- Demonstrar respeito e paciência com todos os alunos, independentemente de suas necessidades.

Nesse sentido, considera-se que o TDAH é uma condição complexa que afeta a forma como o cérebro processa informações e regula o comportamento. Sendo assim, nota-se que o conhecimento dos fatores ligados ao desempenho escolar no TDAH é de suma importância. Como consequência, destacam-se as dificuldades de aprendizagem e o baixo rendimento escolar, problemas de socialização, estigmatização e rotulação da criança, além da necessidade de um trabalho educacional específico.

Contudo, as experiências pedagógicas com alunos diagnosticados com TDAH costumam ser desafiadoras, mas também podem ser gratificantes, desde que conduzidas com empatia e técnica. Afinal, cada aluno é único e por isso se faz fundamental entender suas necessidades particulares.

AUXILIANDO A ALFABETIZAÇÃO DE UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

Matheus Vinicius Machado Ramos Szaz

O presente capítulo busca relatar formas de auxiliar no aprendizado da leitura e escrita de uma criança com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). A ideia para a elaboração deste trabalho veio da experiência do autor com seu filho, T., de 6 anos e 11 meses, que apresenta diagnóstico de TDAH e cursa o 1º ano do ensino fundamental. A condição traz um impacto leve a moderado em seu desempenho funcional no contexto escolar, especialmente no que diz respeito à atenção, autorregulação comportamental e seguimento de regras.

O TDAH é uma condição que afeta o neurodesenvolvimento, onde “desatenção” se refere à dificuldade em manter a concentração em tarefas (ainda que elas não ofereçam muito estímulo) e “hiperatividade” se refere ao excesso de atividade motora e à dificuldade em ficar parado em situações que exigem autocontrole (OMS, 2026).

Na intenção de investigar as demandas escolares de T., utilizou-se os itens do protocolo School Function Assessment (SFA) como inspiração para entrevistar a professora da criança e observar o mesmo na escola.

T. apresenta participação ativa em sala, no recreio e na rotina escolar. Ele é capaz de se envolver nas atividades escolares e sociais de forma funcional. Sua convivência pode ser considerada positiva, com boa interação com colegas, embora apresente preferências por vínculos com certos alunos. A comunicação é adequada na maior parte do tempo, porém pode ser prejudicada em algumas circunstâncias pela questão da impulsividade.

Somado a isso, apresenta é independente nas tarefas físicas, como higiene, alimentação, vestuário e transições, não necessitando de apoio significativo. Já nas tarefas cognitivo-comportamentais, observa-se necessidade de reforço verbal, direcionamento constante, mediação do adulto para manter a atenção.

Algumas particularidades na sua forma de aprender precisam ser mencionadas: T. retém melhor o conteúdo quando usa recursos visuais e táteis. Responde bem a estímulos auditivos (músicas, rimas) e cinestésicos (movimento corporal). Tem dificuldade para permanecer sentado por longos períodos. Demonstra bom desenvolvimento da coordenação motora ampla e fina (escrita manual). Identifica sons iniciais de palavras e rimas através de jogos cantados. Associa grafemas e fonemas quando usa letras móveis de borracha ou de madeira. Está na fase silábica de desenvolvimento da leitura e escrita.

Pensando em contribuir com o processo de alfabetização de T., foram algumas atividades extensionistas divididas em: estratégias de manejo do comportamento, atividades motoras e atividades lúdicas e sensoriais.

Estratégias de manejo do comportamento	<ul style="list-style-type: none"> • Comandos curtos: Dar instruções fracionadas, uma de cada vez. • Pausas: Permitir alongamentos ou polichinelos no intervalo entre as tarefas. • Rotina visual: Usar quadros com imagens das atividades do dia na mesa. • Reforço positivo: Incentivar o esforço logo após a conclusão de uma tarefa.
Atividades motoras	<ul style="list-style-type: none"> • Amarelinha das letras: Saltar sobre as letras soletrando palavras simples. • Circuito fonológico: Correr até uma estação para encontrar o objeto que começa com a letra ditada. • Caça ao tesouro do alfabeto: Buscar letras escondidas pela sala, quadra ou quintal. • Arremesso de sílabas: Acertar bolas com sílabas em baldes para formar palavras.
Atividades lúdicas e sensoriais	<ul style="list-style-type: none"> • Escrita na areia: Desenhar letras em uma caixa de areia ou na farinha. • Letras de massinha: Modelar o formato das letras estimulando o tato. • Bingo de figuras: Marcar desenhos que rimam com a palavra sorteada. • Palavras de lego: Encaixar blocos com letras para construir vocábulos.

Conclui-se recorrendo ao pensamento de Szymanski (2012). A autora afirma que a aprendizagem é uma ação dinâmica do sujeito, envolvendo tanto as suas competências sociais quanto os fatores ambientais. Ela explica ainda que as dificuldades de aprendizado podem ocorrer quando fatores externos ao aluno interferem, tais como a inadequação da metodologia de ensino. No caso de T., observou-se que a ação de extensão universitária (focada na adaptação dos métodos de ensino) favoreceu a sua participação e facilitou o aprendizado da leitura e escrita.

ORIENTAÇÕES PARA A INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

Victória Muzy Piccardo

Maria Eduarda de Souza

O presente texto tem por objetivo relatar as estratégias de orientação de professores quanto a inclusão escolar de alunos com diagnóstico de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). A escolha deste tema se deu a partir do interesse em compreender melhor as dificuldades enfrentadas por alunos com TDAH no ambiente escolar. Além disso, destaca-se a importância da atuação conjunta entre profissionais da educação e da saúde, como o terapeuta ocupacional, na construção de ambientes escolares inclusivos que favoreçam a participação desses alunos. A relação com o tema também se justifica pela relevância do assunto no contexto da prática profissional, considerando que muitos professores relatam dificuldades em lidar com a condição.

O TDAH representa um importante desafio para a educação, pois as dificuldades relacionadas à atenção, impulsividade e hiperatividade podem interferir no processo de aprendizagem e nas relações sociais da criança. Dessa forma, é necessário investir em orientações e recursos pedagógicos de modo a colaborar com o trabalho dos profissionais e possibilitar a participação e o desempenho acadêmico dos estudantes.

A ação de extensão foi desenvolvida ao longo do primeiro semestre de 2026. Primeiramente, foi aplicado um formulário com profissionais da educação conhecidos pelas autoras: 1 professora de ensino fundamental, 1 professora de ensino médio, 1 gestor escolar, 1 professora de sala de recursos multifuncionais e 1 estimuladora materno-infantil. O instrumento teve em vista compreender a diversidade de vivências e manejos utilizados junto a pessoas com TDAH e seus familiares.

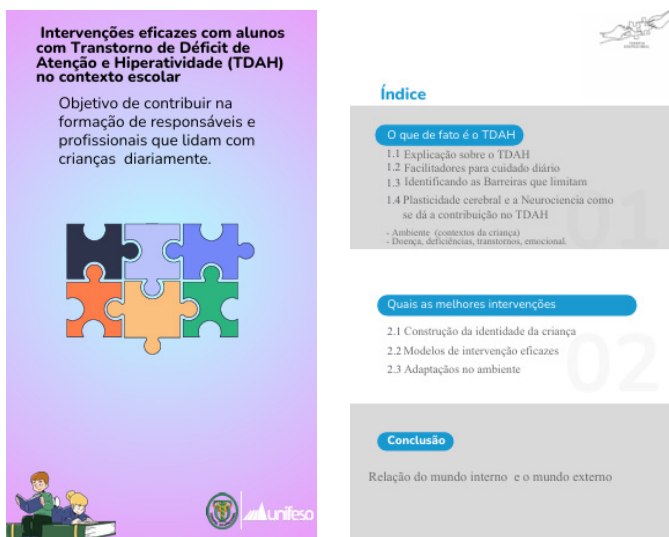
Dentre as questões levantadas, identificou-se a necessidade de apoio pedagógico especializado, boa relação de trabalho com a família,

implementação de recursos e tecnologias de suporte ao aprendizado, capacitação profissional e efetivação das políticas de inclusão.

Diante disso, foi elaborada uma cartilha educativa, direcionada aos profissionais da educação, contendo orientações sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e estratégias que podem favorecer a participação e o desempenho dos estudantes no ambiente escolar.

O material foi produzido pelas acadêmicas de Terapia Ocupacional utilizando linguagem objetiva, reunindo informações sobre o TDAH, suas características, os diferentes perfis do transtorno, mitos e verdades, a construção da identidade da criança, adaptações no ambiente escolar, estratégias de autorregulação, parceria entre escola e família e intervenções fundamentadas em evidências científicas. A entrega da cartilha se deu por meio digital. O material produzido pode ser consultado pelo link abaixo:

<https://drive.google.com/file/d/14NYqGqX2039N0XyHDzAGj-q-UCwn4HwD/view?usp=sharing>



Durante a apresentação do material, observou-se interesse dos participantes em relação ao conteúdo abordado. Os profissionais demonstraram receptividade às informações apresentadas e compartilharam experiências relacionadas às dificuldades encontradas no acompanhamento de estudantes com TDAH no ambiente escolar.

Após a leitura do e-book, compreendi a importância de conhecer melhor o TDAH para promover uma educação verdadeiramente inclusiva. O material apresenta estratégias práticas que auxiliam no processo de aprendizagem, como organização da rotina, adaptação das atividades e uso do reforço positivo. Como professora, considero fundamental reconhecer as potencialidades dos alunos com TDAH e criar um ambiente acolhedor que favoreça seu desenvolvimento. Além disso, reforça a importância da parceria entre escola e família para garantir um acompanhamento mais eficaz e contribuir para o sucesso escolar e social da criança.

13:34

Acabei de ler o seu trabalho e quero parabenizá-la! O material está muito bem organizado, com uma linguagem clara e fácil de entender. Gostei bastante das orientações práticas para o dia a dia da escola, que tornam a leitura muito útil. Obrigada por compartilhar esse material. Tenho certeza de que ele vai ajudar muitos professores.

Edtada 20:27

Amiga, eu amei o seu trabalho! Ficou muito bom mesmo. Gostei porque ficou claro, fácil de entender e bem objetivo. Como professora de Educação Infantil, consegui visualizar direitinho como aplicar isso em sala. Parabéns! 💖

10:37

As estratégias descritas na cartilha, principalmente aquelas relacionadas à organização da rotina, utilização de instruções objetivas, adaptação das atividades e fortalecimento da comunicação entre escola e família, foram consideradas recursos importantes para auxiliar a prática profissional.

Além disso, a intervenção contribuiu para ampliar o conhecimento sobre o papel da Terapia Ocupacional no contexto educacional e estimulou reflexões sobre a construção de práticas mais inclusivas. De maneira geral, a proposta foi bem aceita pelos participantes, sendo considerada um recurso de consulta útil para o cotidiano escolar.

Os resultados obtidos durante a apresentação da cartilha educativa evidenciaram o interesse dos profissionais da educação em ampliar seus conhecimentos sobre o TDAH e em conhecer estratégias inclusivas para o contexto escolar.

**AÇÕES EXTENSIONISTAS
NA UNIVERSIDADE**

DESAFIOS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E DO DÉFICIT DE ATENÇÃO NA UNIVERSIDADE

Bianca Azevedo de Almeida Ribeiro

Lusineide Cardoso de Lima

Este trabalho de extensão é um relato de experiência sobre os possíveis desafios para a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista e/ou Transtorno do Déficit de Atenção no ensino superior. O motivo da escolha do tema surgiu da trajetória de vida de uma das autoras que possui ambos os diagnósticos e da necessidade de ampliar a discussão sobre a vivência de adultos autistas ou com déficit de atenção no contexto universitário, uma vez que esses transtornos ainda são pouco abordados na fase adulta, especialmente no ensino superior. Além disso, o debate sobre o tema ainda contribui para a reflexão sobre inclusão, acessibilidade e suporte institucional, visando dar visibilidade a essa população e fortalecer práticas mais inclusivas no ambiente acadêmico.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que engloba dificuldades de comunicação e necessidade de padrões restritos de comportamento. Já o Transtorno do Déficit de Atenção (TDA), que pode aparecer com ou sem a Hiperatividade (TDAH), é uma condição em que existe uma dificuldade persistente com atividades e situações cotidianas que envolvem a capacidade de concentração e o tempo de permanência. As duas condições podem estar associadas e acarretar barreiras para a funcionalidade e a participação em ambiente acadêmico (APA, 2014).

A atividade de extensão propriamente dita consistiu em um diálogo adaptado no formato de perguntas e respostas sobre os processos de inclusão, exclusão e aprendizagem que podem ser vivenciados no ensino superior. O diálogo foi realizado e registrado no dia 27 de março de 2026, com a universitária com TEA e TDA co-autora deste texto, em uma sala reservada.

A seguir, são apresentadas as perguntas realizadas e suas respectivas respostas adaptadas:

O QUE É INCLUSÃO?

Inclusão é sentir que tudo bem ser diferente, é muito mais do que só a presença da pessoa autista ou com déficit de atenção naquele espaço, é também tentar compreender a pessoa para além daquilo que ela fala ou demonstra, se colocando no lugar do outro e enxergar o sujeito não só pelas dificuldades que ele apresenta.

COMO LIDAR COM O DESENVOLVIMENTO ACADÊMICO?

É preciso criar estratégias que respeitem a forma do universitário funcionar. Por exemplo, a biblioteca pode ser um ambiente que oferece foco e organização. Outro exemplo é o grupo de estudo, afinal, aprende-se muito na troca de informações e experiências com outras pessoas. Algumas pessoas podem ter dificuldade em absorver os conteúdos a longo prazo, por isso, encontrar estratégias para lidar com o desenvolvimento acadêmico não é apenas encontrar “facilidades”, é uma forma de permanecer.

UMA EXPERIÊNCIA POSITIVA COM A INCLUSÃO UNIVERSITÁRIA:

A coordenação de cada curso pode ajudar os estudantes com esses diagnósticos (ou tantos outros) a perceberem que eles podem e devem ocupar esse espaço, mesmo com os desafios ou eventuais barreiras. Outro ponto de apoio pode ser os(as) representantes de turma. Eles podem ser uma “porta de entrada” para as demandas e até mesmo representar uma figura de aceitação e acolhimento. Essas experiências podem auxiliar na percepção de que não é só entrar na universidade, mas se sentir pertencente ao curso e à faculdade.

DESAFIOS PARA A INCLUSÃO UNIVERSITÁRIA:

Uma barreira para a inclusão é que na maioria das vezes a inclusão só começa quando o laudo chega. Mas não é só documentação, nem apenas adaptação no papel. Por isso, as dificuldades de acesso podem não estar apenas na ausência de recursos, mas na demora em reconhecer a necessidade de aprendizado e acolhê-la o quanto antes. Uma verdadeira inclusão envolve perceber, escutar, compreender e criar caminhos para que todos possam ter uma vida acadêmica com dignidade.

De acordo com a Lei nº 9.394 (Brasil, 1996), em seu Art. 2º, a educação tem como finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. O Art. 3º assegura a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. No entanto, ao relacionar esses princípios com as experiências mencionadas, observa-se que, embora o acesso ao ensino superior possa ser garantido, a permanência com qualidade ainda depende da efetividade com que elas promovem a participação e a vivência no contexto acadêmico.

Na visão de Campos e Ferreira (2025), a exclusão escolar não se limita ao fato de o aluno estar ou não matriculado, podendo ocorrer também de forma sutil, quando o aluno está inserido no ambiente educacional, mas não está plenamente envolvido nas atividades. Essa perspectiva pode ser observada na experiência da estudante entrevistada, especialmente quando relata a necessidade de desenvolver estratégias para acompanhar o conteúdo.

Sendo assim, a proposta de perguntas e respostas tem como potencial a possibilidade de estimular o debate sobre o assunto e abordá-lo de maneira contextualizada a partir das vivências universitárias. Acredita-se que as experiências elencadas aqui podem auxiliar outros universitários em suas trajetórias pessoais, sensibilizar docentes e técnicos ou, quem sabe, extrapolar os muros da universidade.

ACESSIBILIZANDO UM LABORATÓRIO DE PESQUISA EXPERIMENTAL PARA UNIVERSITÁRIOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Eveline Rosária Leandro

Valéria Cristina Lopes Marques

O capítulo relata a experiência de extensão no sentido de acessibilizar o laboratório de pesquisa experimental do Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO) com relação às possíveis dificuldades de aprendizagem dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A escolha da problemática se deu a partir da observação dos estudantes durante as atividades de estágio desenvolvidas no laboratório. O espaço realiza projetos com diferentes cursos e atua com um grande número de discentes, dentre eles, alguns com diagnóstico para o TEA.

Entre os dias 16 e 20 de março de 2026, foi aplicado um questionário com o objetivo de conhecer a percepção dos docentes acerca do processo de aprendizagem de universitários com TEA em atividades laboratoriais. Atualmente, o laboratório conta com a atuação de 4 professores que desenvolvem projetos de pesquisa experimental, envolvendo discentes dos cursos de Biomedicina, Medicina, Medicina Veterinária e Farmácia, organizados em grupos.

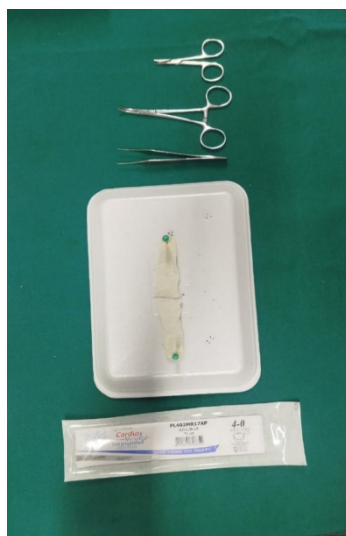
Todos os docentes participantes relataram a presença de estudantes com algum nível de dificuldade na assimilação dos conteúdos práticos. Eles também observam algum tipo de déficit em seus estudantes. O ambiente sensorial foi visto como o fator mais relevante, seguido pelas demandas de comunicação social e funções executivas. As mudanças de rotina e a ansiedade também foram destacadas pelos profissionais. Por fim, os professores foram unânimes em concordar com o uso de estratégias, tais como tecnologias, aulas de aprendizagem ativa, suporte individual e trabalhos em grupo, para integrar os estudantes. As respostas ao questionário evidenciaram a necessidade de adaptação do ensino experimental, de modo a favorecer o processo de inclusão.

Diante dessa realidade, foi realizada uma orientação aos docentes responsáveis pela condução das disciplinas e projetos no laboratório, visando à adaptação das estratégias pedagógicas. Nesse sentido, os professores organizaram encontros em grupos reduzidos, além do acompanhamento mais próximo dos alunos por parte dos estagiários durante as atividades práticas. Os estagiários atuaram como mediadores do processo de aprendizagem, acolhendo as demandas dos alunos e auxiliando na execução das tarefas propostas.



Observou-se uma melhora na participação dos estudantes durante as atividades propostas. A organização em pequenos grupos favoreceu maior interação, comunicação e aproximação entre alunos, professores e estagiários, permitindo que os estudantes se sentissem mais seguros para expor suas dificuldades, realizar questionamentos e participar dos procedimentos práticos.

Além disso, considerando que a proposta do laboratório consiste em apresentar aos estudantes as etapas relacionadas ao desenvolvimento de pesquisas utilizando animais de laboratório, foram elaborados materiais didáticos adaptados, como ratos confeccionados em pelúcia, proporcionando um primeiro contato com a temática e antecipando possíveis inseguranças relacionadas ao animal. As atividades de sutura foram adaptadas com o uso de modelos alternativos desenvolvidos pelos próprios estudantes, utilizando materiais como bexigas de aniversário, luvas de látex e recursos em EVA para simular estruturas anatômicas, como o intestino, favorecendo a visualização acessível dos procedimentos.





Na percepção dos envolvidos, a intervenção contribuiu para um ambiente de aprendizagem mais acolhedor, possibilitando que tanto os alunos com TEA, quanto os demais pudessem desenvolver suas habilidades de maneira acessível. Os participantes responderam positivamente às adaptações propostas, demonstrando maior autonomia, interesse e envolvimento nas atividades. Eles relataram maior facilidade na compreensão dos procedimentos e maior confiança para executar as atividades.

Acredita-se que a principal estratégia adotada consistiu na construção de um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e adaptado, permitindo que os estudantes desenvolvessem suas habilidades de acordo com suas possibilidades, promovendo maior autonomia, participação ativa e qualidade na realização das atividades propostas.

Dessa forma, a ação extensionista mostrou-se relevante para promover a inclusão, ampliar a participação acadêmica e fortalecer o processo de ensino-aprendizagem no contexto do laboratório de pesquisa experimental. Outro ponto crucial foi a contribuição na formação das estagiárias, em particular das autoras, no que diz respeito às possibilidades de ação da Terapia Ocupacional no contexto universitário.

AÇÕES EXTENSIONISTAS NA COMUNIDADE

LEITURA LITERÁRIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA NÃO ESCOLAR COM CRIANÇAS EM VULNERABILIDADE SOCIAL

Fernanda Gomes Fanticelle

Hagata de Almeida Alves

Rafaela Silva Marques

Raphael Aguiar Leal Campos

Apoio: Plano de Incentivo à Extensão (PIEx/UNIFESO)

Este capítulo relata a experiência de mediação literária como estratégia de atuação da Terapia Ocupacional em contexto de educação não formal. A escolha do tema se deu pela participação das alunas no projeto de extensão Mundo Leitor, coordenado pelo professor Raphael Aguiar. O projeto é contemplado com bolsas pelo Programa de Incentivo à Extensão (PIEx) do Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO) e acontece em parceria com um projeto caritativo em Teresópolis. Na prática, o Mundo Leitor consiste em oficinas de mediação literária com o público infantojuvenil e foi escolhido como tema por unir relevância social e experiência pessoal, fortalecendo o compromisso com o desenvolvimento e o cuidado desse público.

A ação de extensão aqui abordada aconteceu na articulação entre a disciplina de Terapia Ocupacional em Contexto Escolar e o referido projeto. Essa prática se insere num contexto em que a leitura ainda não é um hábito consolidado no dia a dia das crianças. O cenário vulnerabilidade social muitas vezes limita o acesso a livros e a construção de um ambiente favorável à leitura. Também se percebe uma falta de incentivo familiar, já que muitos responsáveis do público atendido também não possuem esse hábito. Além disso, o público assistido está permeado por dificuldades escolares que interferem no desempenho e no interesse na leitura.

Por esse motivo, as oficinas de mediação literária desenvolvidas consistem em encontros de cerca de 2 horas de duração e envolvem três etapas básicas: diálogo, leitura e criação.

- **Diálogo:** é organizada uma roda de conversa inicial sobre um tema socialmente relevante para as crianças.
- **Leitura:** a obra literária é lida em voz alta para as crianças visando promover uma compreensão geral do tema;
- **Criação:** é proposta uma atividade expressiva tal como o desenho, a pintura, o artesanato ou a confecção de mural, que possibilite a materialização dos aprendizados durante o encontro.

Optou-se por descrever a primeira oficina realizada no projeto, no dia 09 de maio de 2026, onde o tema abordado foi “Família” em função da proximidade com o Dia das Mães. Participaram do encontro cerca de 25 crianças. A mediação foi coordenada pela aluna extensionista Hagata. O livro selecionado foi *A Família do Marcelo*, escrito pela autora Ruth Rocha e ilustrado por Alberto Linares. A história mostra a rotina do garoto Marcelo, que apresenta as pessoas da sua própria casa, seu pai João, sua mãe Laura e sua irmã Aninha, e conta como são as famílias de seus amigos. De maneira bem simples e divertida, a obra mostra ao leitor que existem famílias de todos os tipos, valorizando a convivência, a amizade, o respeito e o apoio entre todos.



A intervenção realizada superou as expectativas iniciais, pois formou um espaço de grande riqueza pedagógica e social. Um dos resultados mais marcantes foi o interesse espontâneo pelos livros demonstrado por crianças que ainda não dominam a habilidade da leitura. Observou-se que algumas crianças passaram a procurar os livros nos armários por iniciativa própria, permanecendo concentradas nas ilustrações e construindo suas próprias narrativas e interpretações a partir das ilustrações.

Na concepção da dupla, os resultados da intervenção foram positivos para o grupo. O diálogo inicial favoreceu a interação social entre as crianças, estimulando a comunicação e a troca de experiências. Em relação à reação dos participantes, o que se notou foi o entusiasmo com a proposta: as crianças participaram ativamente, comentando as histórias, elaborando perguntas e compartilhando suas impressões sobre os personagens.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) define a educação como um fenômeno para além da escola (que recebe os nomes de educação não escolar, educação não formal ou educação informal). Segundo o Artigo 1º da LDB (Brasil, 1996), a educação abrange todos os “processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Já a Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA, 2021, p. 33) reconhece a educação como uma ocupação humana onde se desenvolvem “Atividades necessárias para aprender e participar no ambiente educacional”. Nesse sentido, a AOTA também valoriza a educação fora das escolas, conceituando a Participação na Educação Informal como “Participar em aulas, programas e atividades que fornecem instrução ou treino fora de um currículo estruturado em áreas de interesse identificadas” (AOTA, 2021, p. 33).

A atuação da Terapia Ocupacional nos diversos espaços educativos ainda não tem sido explorada na literatura acadêmica. Contudo, a experiência no projeto Mundo Leitor, sustentada no conceito de educação da LDB e nas ocupações humanas descritas pela AOTA, reforça que a educação pode acontecer em diferentes contextos, inclusive na própria comunidade.

Demonstrou-se que os contextos familiar, cultural, social e econômico moldam a participação ocupacional infantil, de modo que crianças inseridas em cenários com menor aporte de recursos educacionais enfrentam mais obstáculos para o desenvolvimento de práticas de leitura. Ressalta-se

também a importância da Terapia Ocupacional assegurar o direito à cidadania e ao desenvolvimento através de trabalhos sociais/culturais voltados para a infância que funcionem como estratégias de inclusão.

ANÁLISE DO VÍNCULO ESCOLAR ATRAVÉS DO DESENHO INFANTIL

Mailane Nascimento Rocha

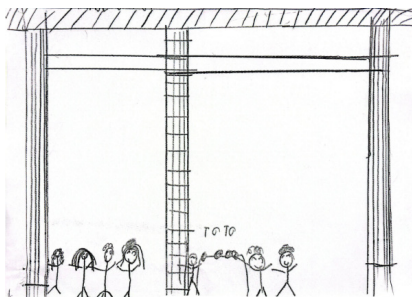
Gabrielle de Aguiar Mello

O objetivo deste trabalho é descrever a percepção de crianças em vulnerabilidade sobre a escola. A prática ocorreu a convite do professor Raphael em um projeto social da cidade de Teresópolis que atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. O público do projeto possui necessidades de promoção do desenvolvimento das competências cognitivas, expressivas e de leitura/escrita.

Em 20 de junho de 2026, foi proposta uma oficina de sondagem prática, direcionada, orientada e acompanhada. A ação extensionista consistiu na solicitação de que cada participante elaborasse um desenho a respeito da escola que ele frequenta, integrando a vida social e emocional numa representação gráfica. Os materiais utilizados foram: lápis de cor, giz de cera e folhas em branco.

A prática transcorreu de forma acolhedora, permitindo observar as reações individuais e os níveis de desempenho no grafismo e na escrita. Os nomes dos participantes foram apagados das imagens para resguardar suas identidades. Os resultados estão descritos de forma resumida abaixo:

- Vínculo social: Algumas crianças retrataram a escola como um contexto que envolve muitas pessoas, ressaltando a dimensão das interações sociais, do afeto e da ludicidade (brincadeiras e jogos, como o “totó”).



- Vínculo com o ambiente: Outras crianças desenharam a escola tomando como referência o seu visual arquitetônico, destacando elementos do contexto físico ou estéticos do local que consideraram mais relevantes.



- Vínculo negativo: Além disso, algumas também demonstraram dificuldade no vínculo escolar se recusando a fazer (“porque não gosto da escola”), pedindo para realizar outra atividade (“posso fazer outro desenho?”) ou se desenhando de forma distante (“fora da escola”).



Os desenhos mostram uma diversidade de vínculos escolares positivos e negativos. Segundo Freire (1987), uma prática educativa transformadora deve partir da realidade do educando, favorecendo processos coletivos que gerem inclusão e lugar de fala. Para tanto, o desenho pode ser uma ferramenta fundamental.

ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA DAS CRIANÇAS ASSISTIDAS EM UM PROJETO SOCIAL

Marianna Regina Machado Ramos Szaz

Rafaela Silva Marques

O presente trabalho aborda o nível de desenvolvimento da leitura e escrita observado nas crianças assistidas por um projeto social de Teresópolis. A delimitação desse tema decorreu da disponibilidade de articulação com o local.

Para identificar o nível de alfabetização e de dificuldade das crianças, utilizou-se um roteiro de sondagem de leitura e escrita, elaborado de modo informal, fundamentado na teoria da psicogênese da escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (Sasso, 2020). A aplicação do roteiro envolveu palavras que faziam parte do mesmo campo semântico (materiais escolares) e foram ditas em ordem crescente de complexidade. A sequência usada foi:

1. GIZ
2. LÁPIS
3. ALUNO
4. ESCOLA
5. BORRACHA.

O primeiro nível de desenvolvimento da leitura/escrita é o nível pré-silábico, onde a criança ainda não percebe a relação entre o som da fala e as letras, usando garatujas, desenhos ou letras aleatórias sem correspondência sonora para designar palavras completas (exemplo: X = giz, L = lápis, A = aluno, R = borracha).

1. X
2. L
3. A
4. I
5. U

1. a
2. l
3. o
4. l
5. r

Em seguida, tem-se o nível silábico, onde a criança começa a entender que a fala pode ser dividida em partes e passa a usar uma letra para representar cada sílaba falada, podendo ou não usar letras com o som correto da palavra (exemplo: A-L-U = a-lu-no, E-O-A = es-co-la, LO-LA-LA = bor-ra-cha).

1. SIX
2. LAPS
3. ALTO
4. ELOLA
5. LOLALA

1. GIZ
2. LAPI
3. ALI
4. LOLA
5. BORA

1. JEJO
2. ORSAI
3. AVO
4. EOA
5. OAA

Por último, o nível alfabético é a etapa em que a criança compreende totalmente a lógica do sistema de escrita, conseguindo associar os sons das letras e expressar suas ideias de forma compreensível, restando apenas superar os erros comuns da ortografia (exemplo: Giz/Gis, Lápis/Lapes, Borracha/Boraxa).

1. GIZ

2. LAPES

3. ALUNO

4. ESCOLA

5. BORAXA

1. GIS

2. LAPIS

3. ALUNO

4. ESCOLA

5. BORRACHA

Observou-se, de maneira geral, uma acentuada dificuldade na realização da escrita. Entre os fatores intervenientes, destacam-se aspectos ambientais como a escassez de estímulos adequados e a presença excessiva de distrações no espaço de aprendizagem. Esse panorama culmina em um prejuízo significativo no desempenho da leitura e escrita, sinalizando a necessidade de intervenções direcionadas.

Pensando na possível continuidade deste trabalho em futuras práticas extensionistas, sugere-se a realização de uma série de atividades que possam auxiliar o aprendizado:

<p>Atividades para a Consciência Fonológica</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Caixa de areia: Desenhar as letras (especialmente aquelas que apresentam espelhamento, como 'J'/'L' e 'S'/'Z') usando o indicador para favorecer o traçado antes da introdução do lápis. • Letras texturizadas: Rastrear com os dedos a forma de letras confeccionadas em texturas ásperas (lixa, feltro ou E.V.A.) enquanto a criança verbaliza o fonema. • Construção de palavras com letras móveis: Uso de blocos de madeira, plástico ou letras imantadas para a composição de palavras ditadas, facilitando a compreensão da estrutura silábica de cada palavra.
<p>Atividades para a Segmentação Textual e Noção Espacial</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Uso de espaçadores: Implementação do uso de um recurso (como um palito de picolé) entre as palavras durante a escrita de frases. O objeto atua como uma barreira física para evitar a aglutinação de palavras juntas. • Textos fatiados e sequenciamento: Apresentação de frases fragmentadas em tiras de papel. A criança deve ordenar espacialmente as tiras na mesa, garantindo o espaçamento adequado antes de realizar a cópia no caderno. • Delimitação dos espaços com cores: Utilização de marcações cromáticas nas linhas do caderno (exemplo: verde para o limite superior, marrom para a base, azul para as laterais), adequando o tamanho das letras.
<p>Atividades para o Desenvolvimento Grafomotor e Práxis</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Jogos de pinça: Manipulação de massinha de modelar de diferentes densidades ou de pregadores de roupas, favorecendo a musculatura das mãos e a estabilidade dos movimentos. • Dicionário ilustrado: Confeção de um glossário lúdico personalizado, contendo as palavras que serão trabalhadas com as crianças para que elas possam consultar. • Jogos de atenção visual: Realização de caça-palavras e palavras cruzadas adaptadas com foco em palavras que envolvam dígrafos (CH, RR, SS).

Em suma, a sondagem e o planejamento de possíveis atividades proporcionaram um olhar sensível e aprofundado sobre o processo de ensino-aprendizagem dessas crianças, evidenciando as principais dificuldades na leitura e na escrita. Sob a ótica da Terapia Ocupacional, a leitura e a escrita são consideradas ocupações fundamentais no cotidiano, no desenvolvimento infantil e na participação social, tornando essencial o papel do terapeuta ocupacional na identificação e intervenção diante de tais defasagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, P. V. Deficiência visual ocular e deficiência visual cortical. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. **Terapia ocupacional: fundamentação & prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2025. p. 626-644.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE TERAPIA OCUPACIONAL (AOTA). **Enquadramento da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo**. 4. ed. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, 2021.

BRASIL. Decreto nº 12.686, de 20 de outubro de 2025. Institui a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva e a Rede Nacional de Educação Especial Inclusiva. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2025. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2025/decreto-12686-20-outubro-2025-798166-publicacaooriginal-176779-pe.html>.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 27 set. 2026.

CAMPOS, L.; KLEINSCHMIDT, V. S.; CAVALCANTI, A. Mobiliário escolar adaptado. In: NEPOMUCENO, R.; GALLO, G. C. **Terapia ocupacional em educação inclusiva: contextos de atuação da terapia ocupacional na escola**. Santa Catarina: Inclusão Eficiente, 2019. p. 106-115.

CAMPOS, R. A. L.; FERREIRA, A. V. Processos de exclusão escolar vividos por alunos com transtorno do espectro autista em Teresópolis-RJ: um estudo com base no Censo Escolar da Educação Básica. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 12, n. 13, p. 209-218, 2025.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL (COFFITO). Resolução nº 500, de 29 de junho de 2018. Reconhece e

disciplina a especialidade de Terapia Ocupacional no Contexto Escolar. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=10488>.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GUILLEN, J. S. Q.; FILETO, M. B.; PINTO, C. A. S. O.; ROSADO, C.; BABY, A. R.; ROBLES VELASCO, M. V. Abordagens no tratamento da dermatite atópica. **BWS Journal**, v. 4, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://bwsjournal.emnuvens.com.br/bwsj/article/view/224>.

LIMA, C. A. P.; SILVANO, F. G.; LOPES, M. S.; PEIXOTO, R. N. Terapia ocupacional em educação inclusiva: fundamentos e práticas. NEPOMUCENO, R.; GALLO, G. C. **Terapia ocupacional em educação inclusiva: contextos de atuação da terapia ocupacional na escola**. Santa Catarina: Inclusão Eficiente, 2019. p. 9-18.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **CID-11 para Estatísticas de Mortalidade e de Morbidade**. 2026. Disponível em: <https://icd.who.int/browse/2025-01/mms/pt>. Acesso em: 27 set. 2026.

PEREIRA, B. P.; BORBA, P. L. O.; LOPES, R. E. Terapia ocupacional e educação: as proposições de terapeutas ocupacionais na e para a escola no Brasil. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 29, p. 1-24, 2021.

PEREZ, G. Manejos e estratégias para crianças com TEA no âmbito escolar. In: ANTELLO, C. G. **Terapia ocupacional: inovações, abordagens e práticas transformadoras**. São Paulo: Literare Books International, 2024. p. 163-172.

SASSO, B. A. A psicogênese da língua escrita segundo Emilia Ferreiro. In: SASSO, B. A. **Pensamento, linguagem e língua escrita segundo a epistemologia genética: processos e construções análogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, p. 67-93.

SOUZA, J. R. B.; BORBA, P. L. O.; LOPES, R. E. Terapia ocupacional na educação básica no Brasil: um retrato panorâmico e algumas de suas vozes. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 32, 2024, p. 1-25.

SZYMANSKI, M. L. S. Dificuldades de aprendizagem (DA): doença neurológica ou percalço pedagógico?. **Boletim Técnico do Senac**, v. 38, n. 3, p. 4-15, 2012.

